

De “vira-latas” ao “não há quem possa!”: seleção brasileira e identidades (1950-1958)

Luciano Deppa Banchetti*

Resumo: O futebol, ao longo dos anos, trouxe consigo elementos que possibilitaram a construção de narrativas que priorizaram difundir um discurso homogeneizador da sociedade. A partir, principalmente, das já “clássicas” obras dos finais dos anos 1940, “O negro no Futebol Brasileiro”, de Mário Rodrigues Filho, e “A história do Futebol Brasileiro”, de Tomás Mazzoni, discursos voltados para elaboração de uma idéia de identidade unitária vêm sendo reproduzidos constantemente não apenas por cronistas, mas também por diversas áreas da própria academia, que nos últimos anos cada vez mais se debruça sobre o tema. O objetivo deste artigo é identificar e problematizar algumas dessas construções, voltando-nos para questões que procuram perceber a que grupos e interesses tal modelo de sociedade atendia e, por que não dizer, ainda por ventura atende.

Palavras-chave: Futebol. Seleção brasileira. Identidade(s). Diferenças.

Abstract: From “vira-latas” to “não há quem possa!”: identities and brazilian soccer (1950-1958). During the years soccer has brought rudiments that made possible the building of narratives which dissiminated a homogenous speech from society. Mainly the classical masterpieces at the end of 40's known as “The negro in Brazilian soccer” written by Mário Rodrigues Filho and “The history of Brazilian soccer” written by Tomas Mazzoni. These discourses pointed to the building of a single identity which not only have been reproduced by columnists but also by several groups from own academy that during the last years they have been interested over and over in the subject. Therefore the main objective from this article is identify some of these buildings giving importance for questions which want to know what kind of groups and advantages this society considered and why not to say that they go on doing so far.

Key-words: Soccer. Brazilian team. Identities. Odds.

Atualmente é grande a repercussão desta prática que há muito vem extrapolando os limites herdados nas suas origens¹, em que seus praticantes se baseavam num ideal elitista pautado no amadorismo. As exigências de um mercado que cada vez mais busca fazer parte do âmbito esportivo em suas diversas esferas faz do futebol um elemento que articula um campo vasto e dinâmico da economia² que, por sua vez, influencia os mais diversos setores da sociedade. Sendo assim, evidentemente, refletimos aqui a respeito do futebol em seu nível profissional, transformado hoje, como outras diversas atividades, em uma prática de alto-rendimento que transforma o futebol em “esporte-espetáculo”³, como definem os principais teóricos do esporte.

Talvez até seja lugar comum relatar os números “astronômicos” da televisão em relação à transmissão das Copas do Mundo⁴ ou mesmo dos principais campeonatos nacionais⁵. Também é evidente o quanto surpreendem os valores que possibilitam as transferências de jogadores entre os principais clubes do Brasil e do mundo. Percebe-se facilmente, da mesma forma, o envolvimento das principais empresas do planeta na publicidade dos eventos futebolísticos. Tele-jornais, tidos como “mais sérios”, destinam importantes espaços para as notícias do futebol. As grades de programação das televisões estão repletas de jogos internacionais, nacionais, regionais, inclusive das divisões inferiores

¹ Sobre a prática do futebol, tanto elitista como em sua popularização, Gilmar Mascarenhas de Jesus (2002) em seu estudo “Várzeas, operários e futebol: uma outra geografia” apresenta o futebol como modalidade codificada no século XIX e que rapidamente se inseriu na cultura operária em formação. Importante também ressaltar que o significado do futebol de várzea como espaço de lazer e sociabilidade mantém-se independentemente de discursos que insistem em anunciar sua decadência. Vide: “Futebol de várzea: espaço de lazer e sociabilidade” (ANDRADE et al., 2007).

² A discussão realizada por Leoncini e Silva (2005) em: “Entendendo o futebol como um negócio: um estudo exploratório”, aponta as principais características estruturais da indústria do futebol.

³ A esse respeito Arlei Sander Damo (2005), defende que “Do ponto de vista teórico, a profissionalização de jogadores é usada estrategicamente em dupla perspectiva. Por um lado, investiga-se a circulação das emoções no espectro do futebol de espetáculo, cuja força motriz é dada pela adesão dos torcedores aos clubes, instituições tradicionais a quem os jogadores disponibilizam os capitais incorporados ao longo da formação. Por outro lado, são abordadas as lógicas subjacentes à própria formação, com atenção especial à circulação de jovens talentos e seus estatutos: de pessoas e de mercadorias”. Vide tese “Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França”.

⁴ Essa questão é demasiadamente complexa para ser discutida em um texto, apontamos como uma leitura interessante o trabalho de Edison Gastaldo (2004) “Copa do Mundo no Brasil: a dimensão histórica de um produto midiático”, nele relaciona-se o discurso midiático à Copa do Mundo, discute-se a relação histórica entre ela e seu caráter de produto midiático ao longo do século XX; o que segundo Gastaldo resultou em um dos mais importantes fenômenos de cultura midiática no Brasil: a definição do Brasil como o “país do futebol”.

⁵ A título de exemplo pontual, com o rebaixamento da S. E. Palmeiras – contrariando um histórico de “viradas de mesa” nos bastidores por parte de clubes considerados “grandes” –, a série B do campeonato de 2003 já havia conquistado espaço na programação televisiva. Em 2007, seguindo essa mesma perspectiva, com o descenso do S. C. Corinthians Paulista emissoras como a Rede Globo e a Band adquiriram o direito das transmissões: “Com Corinthians, gestores da série B esperam 2008 parelho com elite”, a matéria publicada no portal da Uol (Esportes), em 04/12/2007, afirmava que: “A presença do time de segunda maior torcida do futebol brasileiro na Segunda Divisão encheu de entusiasmo a empresa gestora da Série B, a FBA (Futebol Brasil Associados), que, com a adição do Corinthians, já projeta o melhor ano da história da competição, em termos de visibilidade e negócios.” (FREITAS, 2007).

(série B do campeonato brasileiro, série A-3 do campeonato paulista, Mundiais Sub-20, Sub-17, entre outros tantos).

O rádio, por sua vez, não fica atrás. Emissoras na faixa do FM que nunca tinham se voltado para o futebol, que tradicionalmente eram destinadas a um público mais segmentado da música, passaram já há alguns anos a não só apresentarem programas diários que tratam exclusivamente do futebol, também já possuem, nos moldes das AMs, transmissões das partidas que se iniciam muito antes do jogo propriamente dito começar e que se dedicam a horas de comentários após o fim do prélio.

O meio impresso da mesma forma. Desde os primeiros jornais e revistas dedicados exclusivamente ao futebol – Jornal dos Sports (1931) e Gazeta Esportiva (1947)⁶ –, o mercado só se fez ampliar. Hoje, os mais importantes jornais dedicam diariamente páginas numerosas em cadernos específicos sobre “esportes” (no plural, mas na prática sobre o esporte futebol, já que o espaço é mínimo aos demais). No caso da cidade de São Paulo tem-se o LANCE!, por sua vez, voltado exclusivamente para o futebol.⁷

O espaço virtual também está profundamente ocupado pelo futebol.⁸ Sites de federações e de clubes estão cada vez mais próximos. Espaços na Web surgem aos montes dedicados exclusivamente aos noticiários específicos sobre futebol. Enfim, o universo do futebol claramente é muito vasto.

No entanto, os assuntos que prevalecem nos meios de comunicação de largo alcance enfatizam aspectos bem mais reduzidos. Sem dúvida, muito mais os que dizem respeito aos confrontos entre clubes e seleções, ou seja, o que se relaciona às rivalidades (FEITOSA, 2009), ou, ainda, aos que se dedicam a apurar os aspectos mais privados da vida dos jogadores e dos relacionamentos dentro de cada equipe, já que nitidamente alguns atletas

⁶ O carioca Jornal dos Sports foi a primeira iniciativa neste sentido de todo o Brasil e a Fundação Cásper Líbero, que em São Paulo, através de A gazeta, já dava espaço aos esportes e, em 1947, lança o específico diário A Gazeta Esportiva.

⁷ Fundado em 1997, o LANCE! consolida sua condição de maior diário esportivo do Brasil. Segundo relatório do IVC (Instituto Verificador de Circulação), realizado em 2005, o Jornal dos Sports (RJ), aparece na 16ª colocação, com média de 12.814 exemplares vendidos por dia. Dessa maneira, o LANCE! vende, em média, praticamente dez vezes mais do que o seu concorrente direto e ocupa a nona posição no ranking dos jornais mais vendidos no Brasil em dias úteis. Com média diária de 128.030 exemplares distribuídos nos quatro primeiros meses de 2005 em todo o território nacional (último dado disponível), o LANCE! é o veículo que apresenta maior evolução entre os dez primeiros no período. De acordo com os dados do IVC, os dez maiores jornais do ranking são, pela ordem: Folha de São Paulo (SP), O Globo (RJ), Extra (RJ), O Estado de São Paulo (SP), Correio do Povo (RS), Zero Hora (RS), Diário Gaúcho (RS), O Dia (RJ), LANCE! e Agora São Paulo (SP). (LANCE!, 2005, p. 12).

⁸ No Brasil, nenhum site de esportes tem audiência maior do que LANCENET!. No mês de abril, foram 341 mil visitantes únicos, usuários que costumam permanecer 14 minutos navegando pelo site. (idem) Lembramos que, entre os inúmeros sites, a fundação Cásper Líbero, que desde 2001 deixou de publicar a versão impressa de A Gazeta Esportiva, atualmente conta com uma versão *on line* em <<http://www.gazetaesportiva.net/>>. (CRONOLOGIA, 2009).

passaram a ser tratados, cada vez mais, como celebridades, semelhantes aos artistas do cinema e da televisão, por exemplo.

A repercussão que se tem do futebol nos mostra que ele deve ser entendido muito mais como “espetáculo” (BRACHT, 1997; TUBINO, 2001). E, justamente por isso, a demanda que se criou vai além dos times, jogadores, torcidas, empresas que patrocinam e imprensa. Há o envolvimento das mais diversas áreas do conhecimento humano e de profissionais interessados não só em desenvolver a prática do esporte em si, mas, claro, em fazer parte de um meio privilegiado, principalmente do ponto de vista econômico. Assim, são muitos e variados os profissionais que cada vez mais se incorporam, ou buscam se incorporar, ao mundo da bola: advogados, médicos das mais variadas especialidades, psicólogos, administradores, etc.

Diante desse quadro, não podemos negar que esse fenômeno que se hiper-dimensiona deve ser amplamente debatido pelos pesquisadores das ciências humanas, como muitos já o fazem, cada vez em maior número.⁹ Trata-se de um campo aberto para reflexões que podem envolver o futebol em si, como também esse meio e a sociedade em seus mais variados níveis.

Pensando em trazer a nossa parcela de contribuição, esse artigo volta-se para uma reflexão sobre a seleção brasileira e o futebol, assim como para uma análise das imagens que se constroem a partir desses dois elementos a respeito do que seria a característica da nação. Procuramos, dessa forma, percorrer uma trajetória na contramão das reflexões mais tradicionais sobre o futebol e suas representações que fazem desse fenômeno social de múltiplas facetas apenas um meio para definir uma característica geral do que seria não só o jeito de jogar do brasileiro, mas o que definiria as próprias características do “ser” brasileiro.

Tem-se a intenção aqui, inclusive, de quebrar uma linha evolutiva que aponta para o que seria *uma* história do futebol, portanto, não desejamos nos prender a datas muito bem definidas, mas direcionamos nossa atenção para o entorno da década que divide o século XX. Lembremos antes, porém, de dois episódios que para os até menos ligados ao futebol fatalmente não é nenhuma novidade. 1950. Ano em que o Brasil sedia a quarta Copa do Mundo FIFA que, por sua vez, foi conquistada pela seleção uruguaia numa final contra a própria equipe brasileira, no recém-construído Maracanã, em um jogo em que o Brasil precisava apenas do empate. Estes formaram os ingredientes que fizeram e ainda fazem

⁹ A bibliografia sobre o tema cresceu muito, principalmente a partir dos anos 1990. Um momento decisivo para esse processo pode ser identificado quando se consolida a rejeição às teses mais ortodoxas dos anos 1970, ou seja, quando se contrapõem às “teorias sociais mais deterministas” que condicionavam o futebol de forma simplista à “ópio do povo”. (DAMATTA, 1982).

muitos a repetir constantemente em suas narrativas esse dia 16 de julho como o dia da “tragédia do Maracanã”. (FRANZINI, 2000; AQUINO, 2002; GUTERMAN, 2009). Agora, buscamos o outro acontecimento. 1958. A seleção brasileira chega ao título de campeã mundial em gramados suecos, era a primeira conquista. Uma vitória que, além de surpreender os céticos, fora marcada ainda pelo surgimento de excelentes jogadores que, em pouco tempo, passaram a ser cultuados como heróis – vistos por muitos, sem exageros de nossa parte, como quase sobre humanos – destacam-se, nesse sentido, Pelé e Garrincha, principalmente.

Esses fatos ainda repercutem fortemente. Através deles até hoje exacerbaram-se os discursos sobre a identidade do Brasil em relação ao futebol, já que, da “trágica” derrota para a vitória alardeou-se principalmente através dos meios de comunicação a idéia de que o país deixava seu “complexo de vira-latas”, como cunhou Nelson Rodrigues, para constituir um sentimento de auto-afirmação, como nos mostra a marchinha composta imediatamente após a conquista do campeonato: “A Copa do Mundo é nossa/ com brasileiro não há quem possa!”.¹⁰ (AQUINO, 2002; ANTUNES, 2004; GUTERMAN, 2009).

Estes aspectos podem e devem ser ainda problematizados, mas deixando esses fatos em específico e o tratamento que os meios de comunicação ofereceram e ainda oferecem através de seus, sem dúvida, sedutores cronistas, buscamos aqui problematizar outros aspectos que envolvem o período. Momento em que ocorreram muitas outras mudanças significativas tanto no futebol – que evidentemente envolveram também as Copas do Mundo – como em outros âmbitos da sociedade brasileira. Transformações essas que parecem indicar, já naquele momento, para amplidão ao qual o futebol hoje está dimensionado.

Como é sabido, o Pós-guerra trouxe a implementação e difusão de técnicas e tecnologias que permitiram a aceleração contínua das trocas, tanto de mercadorias quanto de comunicações. O consumismo foi incrementado como nunca e, na mesma medida, elementos dos mais variados da sociedade transformaram-se. Especificamente, voltando-se para o caso brasileiro, nesse período, ao mesmo tempo em que há um surto de industrialização e urbanização no centro-sul do país e que a imigração européia por conta das Grandes Guerras já havia diminuído consideravelmente, desenvolve-se um intenso fluxo migratório para os centros urbanos, principalmente São Paulo e Rio de Janeiro. Isto, como era de se esperar, provocava mudanças profundas na sociedade como um todo, principalmente nessas grandes cidades.

¹⁰ “A taça do mundo é nossa”, composição dos publicitários Wagner Maugeri, Lauro Müller, Maugieri Sobrinho e Vitor Dagô, uma espécie de ‘juggle’ tocado nas rádios por volta de 40 horas depois da vitória em 1958. (A taça..., 2006, p. 46-47).

Evidentemente, o futebol passava também por transformações significativas. Nesse sentido, as modificações ocorridas inclusive nas técnicas e equipamentos da imprensa (SODRÉ, 1983) foram decisivas para a propagação e difusão de um ideário a respeito do que seria o futebol brasileiro como um todo e, no limite, o que seria a própria nação brasileira.

Assim, consideramos de suma importância a publicação de dois livros escritos nos finais dos anos 1940 para nossas reflexões. Falamos de “O negro no futebol brasileiro”, de Mário Rodrigues Filho, e “A história do futebol brasileiro”, de Tomás Mazzoni. Tratam-se de livros que se tornaram, atualmente, reconhecidos clássicos, principalmente no que tange a obra de Mário Filho, na medida em que em muito serviram e ainda servem como principais referências para os pesquisadores que se voltam para a temática do futebol na sociedade brasileira como um todo. Portanto, devido a importância dessas duas obras que servem de fonte para este trabalho, em seguida é traçado um breve perfil dessas produções.

Filho de Mário Rodrigues (1964), um importante jornalista do início do século e irmão do não menos reconhecido Nelson Rodrigues, Mário Filho herdou a profissão do pai. Nasceu no Recife, mas teve praticamente toda sua trajetória profissional desenvolvida na cidade do Rio de Janeiro. Seu espírito empreendedor, principalmente junto à imprensa, o constitui num dos mais importantes nomes do meio no Brasil. Pioneiro em várias iniciativas. Em 1931, criou o Jornal dos Sports, o primeiro destinado exclusivamente à cobertura esportiva, com prioridade ao futebol. Auxiliou também na própria organização e difusão da prática futebolística e do alcance popular dos clubes cariocas e a ampliar a dimensão das rivalidades regionais já estabelecidas, já que criara marcantes campeonatos: o Rio-São Paulo e a Copa Rio, por exemplo. Além da dedicação à elaboração de outros eventos que sempre procuravam alcançar os maiores índices de popularidade. (CASTRO, 1992).

Em 1947, pela Irmãos Pongetti Editores, Mário Filho lança “O negro no Futebol Brasileiro”, obra que seria reeditada no ano de 1964. Essa segunda edição, em que vincula-se a grande repercussão já mencionada, foi publicada pela editora Civilização Brasileira. A ela foi atribuída em nota pelo próprio autor um caráter “definitivo”, em que apenas uma única exigência, ainda focando o seu próprio modo de entender, teria sido criada pelos acontecimentos futebolísticos no período entre as duas edições: a necessidade de uma “complementação”. Assim, a história que teria se seguido a seus escritos (refere-se claramente a 1958 e a conquista do campeonato mundial), além de confirmar as análises, apenas teria exigido uma reedição acrescida em dois capítulos, que, por sua vez, em nada comprometiam o que já havia sido editado em 1947; muito pelo contrário, na visão do autor, só confirmava. Ou

seja, para Mário Filho, tratava-se apenas de uma mera atualização e, no limite, uma “prova” de validade de suas idéias anteriores.¹¹ Para se ter uma idéia geral, vale a pena citar os títulos dos capítulos que compuseram a obra que, a nosso ver, podem falar por si: “Raízes do saudosismo”, “O Campo e a pelada”, “A revolta do preto”, “A ascensão social do negro”, estas quatro presentes desde a primeira edição, que vieram a ser “complementadas” por: “A provação do preto”, e, por fim, “A vez do preto”.

Nesse sentido, a obra de Mário Filho, como é problematizado por diversos estudiosos, se propõe a construir uma narrativa que enfatiza o futebol como o “lugar” em que o negro, na sociedade brasileira, teria vivido não apenas a sua incorporação, mas, inclusive, sua “ascensão social”.

Dentro das diversas críticas que surgiram a respeito dessa perspectiva – um debate acalorado, que se arrasta até hoje – merece destaque a primeira. Já em 1956, o sociólogo Anatol H. Rosenfield¹² dialoga com Mário Filho e observa as importantes contribuições com relação aos dados históricos que ele teria trazido através de uma rigorosa pesquisa que cruzava diversas fontes e dados. Contudo, tece uma crítica direta à interpretação que o autor de “O negro no futebol brasileiro” havia realizado, que, para ele, teria caído no erro de não perceber que o prestígio do negro era econômico e não social. (ROSENFELD, 2000).

A questão, como já se pode perceber, é que Mário Filho constrói uma narrativa que se aproxima por demais da construção elaborada por Gilberto Freyre – tanto que na primeira como na segunda edição, os prefácios de “O negro no futebol brasileiro” foram assinados pelo acadêmico. Conseqüentemente, a perspectiva que rege a obra, de modo semelhante à criação científico-literária de Freyre, é uma construção que veio a promover não só a incorporação, mas também a contenção violenta do corpo do “outro” (negro), no que se idealizou como corpo da nação brasileira.¹³ E, nesse caso, o futebol veio a ocupar um local de importância decisiva num processo já iniciado anteriormente, diante das discussões de outros intelectuais do país como Lima Barreto, Graciliano Ramos, o próprio Gilberto Freyre, entre outros, sobre o poder civilizador ou não do futebol para a sociedade brasileira. (FRANZINI, 2003; CAPRARO, 2007).

¹¹ Ver nota à segunda edição (RODRIGUES FILHO, 1964).

¹² Estudo publicado no anuário STADEN JAHRBUCH, do instituto Hans Staden, em 1956. Escrito em alemão e só traduzido em 1974.

¹³ Posicionamento em que nos baseamos na análise da obra de Gilberto Freyre, elaborada pela antropóloga porto-riquenha Jossiane Arroyo (2003) em seus “Travestismos culturales: literatura y etnografía en Cuba y Brasil”, mais precisamente no capítulo “Travestismos culturales: culturas nacionales, cuerpos y mestizaje”.

Já a segunda obra à qual nos referimos, foi publicada pela editora Leia, em 1949, dois anos depois da primeira edição do trabalho de Mário Filho. Sob o sugestivo título “A história do futebol brasileiro”, criou sua narrativa Tomás Mazzoni (1950). Este homem também foi um importante e pioneiro jornalista da crônica esportiva especializada em futebol só que, em seu caso, um membro da imprensa paulistana. Trabalhava como chefe da seção de esportes do jornal A Gazeta desde 1930 – encarte que tem sua autonomia em 1947 com o lançamento de A Gazeta Esportiva. Possuía em ambos os jornais uma coluna diária, a qual assinava como *Olimpicus*. Seu tema principal estava voltado para os problemas de administração e organização do futebol não só em São Paulo, como no Brasil, fator que também está presente em seu livro, já que visa discorrer sobre o surgimento não só da prática futebolista, mas também das ligas, associações, clubes, além dos resultados das partidas, enfim, os números que compunham o futebol.

Apesar das diferenças citadas, o importante é perceber que, tanto Mazzoni como Mário Filho, cada um ao seu modo, se propuseram a escrever um texto que se pretendia um tratado de cunho historiográfico sobre o surgimento e o desenvolvimento do futebol no Brasil como um todo. Ambas foram escritas e publicadas em função dos preparativos para a Copa do Mundo que seria realizada no Brasil em 1950, basta atentar-se para o ano das publicações. Portanto, a pretensão dos dois autores, claramente, era construir e difundir um discurso visto como historiográfico e sociológico sobre o futebol brasileiro. Os dois apoiavam-se em uma perspectiva linear, evolutiva que se fazia de forma unitária. Dessa maneira, conduziam os leitores para a concepção de uma identidade nacional, uma “brasilidade”, que cada vez mais se constituiria e se desenvolveria através da participação na prática esportiva do futebol. Por outro lado, os dois se diferenciavam a partir de suas especificidades que se originavam das suas diferenças geográficas e políticas, ou seja, nas suas diferenças regionais.

A maioria dos trabalhos que tratam da temática do futebol, principalmente com relação à questão das identidades e da formação dessa prática no Brasil, volta-se para uma análise que se pauta em Mário Filho. Entrando ou não no debate a respeito da questão racial, direta ou indiretamente, muitos pesquisadores alicerçam suas reflexões em bases documentais extraídas desse autor. Muitos partem para outros nomes ligados ao futebol, como Nelson Rodrigues e José Lins do Rego, por exemplo, para analisarem a questão de um discurso

identitário, porém, esses cronistas posteriores ao “O negro no futebol brasileiro”, escolhidos pelos pesquisadores, seguem a mesma linha do tradicional Mário Filho.¹⁴

Percebemos, assim, principalmente a respeito das análises que se debruçam sobre a questão das identidades, certo “esquecimento” com relação ao trabalho de Tomás Mazzoni.¹⁵

Cabe lembrar, nesse momento, em lúcido trabalho desenvolvido recentemente e que sintetiza bem o que estamos querendo demonstrar. O historiador André Mendes Capraro (2007), a partir da análise das narrativas elaboradas pelos cronistas, divide a história do futebol no Brasil em três momentos. A primeira, em que se discute o papel positivo ou não da prática do futebol para a nação, se inicia nas primeiras décadas do século XX e tem como grande expoente as posições de Gilberto Freyre. Já, entre os anos 1940 e 50, surge a segunda fase, na qual Mário Filho tem papel decisivo e onde o futebol, e inclusive o cronista esportivo, se profissionalizam. Além disso, trata-se de um momento em que se teria em Nelson Rodrigues um “reforçador” de modelos estabelecidos anteriormente; além de outros dois nomes que a pesquisa também situa como ícones do período: José Lins do Rego e Armando Nogueira. O encerramento de tal fase apenas ocorre com a década de 80, quando, para o autor, ocorrem transformações profundas nas dinâmicas do esporte a partir da grande influência imposta pela televisão.

Pensando assim, na relação direta que esta pesquisa tem com a proposta desenvolvida pelo estudioso paranaense, observa-se as análises no que se refere às influências freyreanas que se verifica nas crônicas do futebol e, principalmente, o destaque para as obras de José Lins do Rego e Nelson Rodrigues. Quanto a este último, Capraro, nitidamente influenciado por Antunes (2004), afirma que foi Nelson Rodrigues, “[...] o maior reforçador de um modelo literário impregnado de conceitos como o de raça, de pátria e de identidade nacional a partir do uso do futebol como metáfora da nação.” (CAPRARO, 2007, p. 208).

Por outro lado, apesar de haver menção às obras publicadas em São Paulo por Tomás Mazzoni e outros autores, Capraro, contrariando o posicionamento aqui já destacado, não reconhece significativa importância desses autores para com a construção do ideário que se estabeleceu e se procurou difundir através do futebol no Brasil. Pode-se notar essa posição através da reprodução de um pequeno trecho de seu trabalho:

[...] tais escritores produziram de forma menos integrada e sem uma concepção de identidade nacional e simbolismos relacionados ao futebol tão

¹⁴ Tal perspectiva pode ser observada nos trabalhos de Antunes (2004), Holanda (2005), Borges (2006), e outros.

¹⁵ O trabalho de Negreiros (1998), nesse sentido, é um excelente contra-ponto. Porém, ele toma como recorte temporal um período anterior ao qual estamos nos referindo, mas é, sem dúvida, uma excelente referência.

acentuados quanto à produção literária do quarteto de cronistas estabelecidos no Rio de Janeiro selecionados para análise [Mário Filho, José Lins do Rego, Nelson Rodrigues e Armando Nogueira]. Tamanha é a importância de tais literatos que notória foram suas contribuições de um ideal que até a atualidade vincula o selecionado de futebol brasileiro à categorias como nacionalidade, identidade, progresso e retrocesso, raça e, principalmente, pátria. (CAPRARO, 2007, p. 206).

Contrariando essa perspectiva, acreditamos que apesar de não tão “notório” houve uma contribuição decisiva para a relevância que o futebol possui em relação a diversos aspectos da sociedade brasileira por parte de outros cronistas que não faziam parte do grupo citado por Capraro. Através da obra publicada dois anos após a de Mário Filho, percebemos em Tomás Mazzoni uma posição que será difundida em larga medida pela imprensa de São Paulo, da qual o próprio participava direta e decisivamente. Idéias que parecem ganhar maior repercussão, algum tempo depois, através das representações que se elaboraram historicamente da seleção brasileira de 1958 e, principalmente, através da força representativa que ganha a figura de Paulo Machado de Carvalho na direção dessa delegação (que será tratada logo à diante). Imagens que vieram a estabelecer ideais que se referiam àquele selecionado. Ou seja, categorias como “progresso” e “organização”, muito utilizadas pelos grupos hegemônicos de São Paulo, compuseram a imagem do futebol e da seleção brasileira que sagrou-se campeã e que acabou por competir diretamente com o ideário da exaltação da mestiçagem tão difundida pelos representantes de outros grupos que lutavam pelo poder não só na seleção brasileira de futebol, como também em outras instâncias políticas do Estado brasileiro.

Assim, grosso modo, ao analisar os jornais A Gazeta e A Gazeta Esportiva, da organização Casper Líbero que, era e ainda é um importante órgão de imprensa paulista, como acima foi citado, atentando-se para as mensagens contidas nas notícias relacionadas ao futebol de modo geral e, principalmente, em relação à seleção brasileira na época em questão, nota-se uma profunda preocupação com a administração e organização do esporte no âmbito estadual e nacional. Dessa forma, formaram-se narrativas que se encontram presentes ainda hoje no ideário que se difundiu sobre a seleção, seus preparativos e participação na Copa do Mundo de 1958.

Desde os meses que antecederam esse certame, pelo que pode ser verificado nas diversas consultas à Gazeta Esportiva do período¹⁶, até a série de publicações nos mais

¹⁶ Consulta realizada junto ao Arquivo do Estado de São Paulo do jornal Gazeta Esportiva, do mês de abril de 1958 (cerca de um mês antes do certame).

variados meios durante todos esses anos que sucederam o evento¹⁷, como também inclusive o faz Marcos Guterman em recente publicação¹⁸, é repetida exaustivamente a importância da direção da delegação brasileira ter sido entregue ao bem sucedido empresário dos meios de comunicação Paulo Machado de Carvalho – um paulista, tido já na época, graças ao sucesso da rede Record de rádio e televisão, como um empreendedor arrojado e perspicaz.¹⁹

Nota-se, assim, um processo que se deu ao longo dos agitados anos 1950, principalmente de deslocamento gradual da própria imagem do futebol no Brasil. Em outras palavras, a partir da seleção brasileira de futebol, como já havia acontecido antes, o esporte e seu envolvimento com o que se entendia por nação tomava, paulatinamente, um novo rumo. Trata-se, nesta análise, de voltar-se menos para a questão levantada desde o início do século, sobre o valor ou não do futebol para a constituição do que seria a nação brasileira. A mestiçagem, nesse sentido, perde espaço, não que tivesse sido esquecida, mas convive cada vez mais com um modelo de futebol que tende a atender outros interesses. Assim, o esporte passa a ser visto como importante instrumento mercadológico, muito mais ligado a um planejamento empresarial. Portanto, o já reconhecido “esporte das multidões” (como as matérias de “A Gazeta” não cansavam de mencionar) também já evidenciava um potencial muito grande para o mercado consumidor. Em contrapartida, temos a impressão de que tal força ainda não havia sido explorada para os padrões de consumo que já se estabelecia no período.

Ao longo da década de 1950, portanto, o futebol brasileiro passou por um processo de transição em que o poder político-administrativo perdeu o monopólio que antes era, sem dúvida, exclusivamente de grupos cariocas ligados aos cronistas aqui já citados. Conseqüentemente, esse movimento trouxe consigo outros aspectos. O futebol e sua representação acabaram por se deslocar de um eixo ideológico governamental que priorizava difundir a “mestiçagem” como o ideal de brasilidade, para outro viés em que elementos mais

¹⁷ Inúmeros seriam os exemplos da reprodução dessa opinião sobre a relevância de Paulo Machado de Carvalho, tido, não por acaso, como o “marechal da vitória”; porém, citamos, como exemplo, a série trazida pelo jornal Folha de São Paulo em comemoração aos 50 anos da conquista da Suécia em que matérias contaram com as seguintes manchetes, por exemplo: “Filho preserva relíquias do ‘marechal da vitória’” (FOLHA..., 2008, p. 7) ou “Plano inovador leva Brasil ao topo em 58: Quase um ano antes da Copa, Paulo Machado de Carvalho e amigos como Paulo Planet Buarque planejaram o título” (FOLHA..., 2008, p. 8).

¹⁸ Em seu livro “O futebol explica o Brasil”, Guterman (2009, p. 123) reforça essa idéia: “Tudo isso era uma novidade, mas havia outras, dentro do detalhadíssimo planejamento para a Copa. [...] O responsável pelo planejamento era Paulo Machado de Carvalho. Vice de Havelange na CBD, Carvalho havia sido escolhido pelo presidente por ser um empresário de grande sucesso e ousadia.”

¹⁹ A esse respeito, além do já citado trabalho de Guterman, um estudo que se faz interessante, ainda porque trata de outro importantíssimo veículo de comunicação – o rádio –, refere-se ao de Tota (1990), que já identifica por volta de 1933 como característica da Rádio Record um dinamismo empresarial significativo e uma posição política não menos importante para os interesses de grupos locais.

mercadológicos e empresariais se sobressaíam. Nesse sentido, a seleção brasileira e o futebol, no Brasil, passaram a também difundir dados identitários que se voltam menos para as questões raciais do que para questões estéticas e disciplinadoras que, por sua vez, dialogam com o consumismo que está em franco desenvolvimento nesse período.

Assim, pretendemos continuar nessa trajetória, procurando refletir sobre essas transformações que colocaram o debate a respeito da mestiçagem no futebol – de tanto vigor durante o Estado Novo e a Copa de 1938 (PEREIRA, 2000; SOUZA, 2008) – em uma posição mais distante. Entretanto, reconhecemos que tais idéias se faziam ainda presentes naquele momento de transição. Principalmente, pelas incursões de Mário Filho e dos cronistas que o sucederam, homens que, por sua vez, causam a impressão de estarem em diálogo com outras perspectivas, não apenas fechados em si mesmos, como normalmente é tratado pelas pesquisas.²⁰

Nesse caso, pode-se observar que a segunda edição de “O negro no futebol brasileiro” – a qual já foi mencionada no início do texto – não chegava de forma “definitiva” em 1964, apenas para reafirmar-se em relação à edição anterior, como anunciava seu autor. Ao contrário, pode-se pensar em uma resposta ao profundo debate entre as tendências de narrativas mais tradicionais e uma idéia que se impunha por parte das iniciativas empresariais, que no âmago da questão tendiam a questionar a hegemonia de um grupo político, muito ligado à capital federal, sobre as ações do futebol no Brasil.

Emblemático se faz, nesse sentido, lembrar que o livro de Mário Filho chega ao fim com várias páginas destinadas exclusivamente a Pelé, que, para ele, seria o maior exemplo da ascensão do negro no Brasil.²¹ Ou seja, o personagem tido como decisivo na campanha de 1958 e que, por sua vez, passava a fazer parte cada vez mais dos meios de comunicação como um exemplo de sucesso, a se tornar brevemente um fenômeno de marketing. Ao mesmo tempo, coloca-se Mário Filho como o maior exemplo dos bons frutos que a miscigenação teria trazido ao país. Em poucas palavras, nessa perspectiva mais tradicional, o jovem Pelé, antes de ser um excelente garoto propaganda – como os exportadores de café rapidamente perceberão – seria “o” negro, ou seja, apesar da origem precária, dado ao seu talento inato e a estreita ligação que tinha com sua família (portanto, com os costumes), tinha virtudes que

²⁰ Há uma produção numerosa a respeito do tema futebol e identidade nacional. Temática hoje desgastada. Trata-se, principalmente, de trabalhos das Ciências Sociais, sobretudo da Sociologia, que tomam Mário Filho, e os cronistas que seguiram sua linha, como fonte principal dos seus estudos. Sobre esse assunto, dois autores trouxeram uma boa discussão (autores, porém, que não fizeram essa relação com a obra de Thomás Mazzoni, como procurei fazer nesse artigo): Helal; Soares; Lovisoló (2001) e Souza (2008).

²¹ Último capítulo de “A vez do preto”, ver, principalmente a partir da página 384 à última, 402.

compensavam problemas, fazendo-o um vencedor, inclusive perante outras nações; ou nas próprias palavras de Mário Filho:

Em Pelé se sentia toda a grandeza do futebol como paixão do povo, como drama, como destino. Pelé era o próprio destino. Era o destino que vestia a camisa amarela de escréte brasileiro. O Deus é brasileiro do dito popular. (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 385).

E insistia, páginas à frente:

Faltava alguém assim como Pelé para completar a obra da Princesa Isabel. O preto era livre, mas sentia a maldição da cor. A escravidão da cor. Onde tanto preto não querendo ser preto. (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 400).

Buscamos, assim, problematizar alguns dos diversos aspectos que auxiliaram a construção das narrativas que, no Brasil, se fizeram a partir do futebol. Discursos que, por sua vez, mesmo com variações, seguem modelos totalizantes na incessante busca da homogeneização, em que determinados grupos, para se manter ou conquistar a hegemonia, visam apagar as diferenças.

Referências

A taça do mundo é nossa. *Revista Placar Especial*, p. 46-47, 1º fev. 2006.

ANDRADE, Maycon Gonçalves de et al. Futebol de várzea: espaço de lazer e sociabilidade. In: *XVI Congresso de Iniciação Científica: pesquisa e responsabilidade ambiental*, 27 a 29 de novembro de 2007, Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Disponível em: <http://www.ufpel.tche.br/cic/2007/cd/pdf/CH/CH_01165.pdf>. Acesso em: 18 set. 2009.

ANTUNES, Fátima R. Ferreira. *Com brasileiro não há quem possa!:* futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004.

AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol, uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ARROYO, Jossiana. *Travestismos culturales: literatura y etnografia em Cuba y Brasil*. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, 2003.

BORGES, Luiz Henrique de Azevedo. *Do complexo de vira-latas ao homem genial: o futebol como elemento constitutivo da identidade brasileira nas crônicas de Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira*. 2006. Dissertação (Mestrado em História Cultural) – Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2006. Disponível em: <<http://boletimef.org/biblioteca/2285/O-futebol-como-elemento-constitutivo-da-identidade-brasileira>>. Acesso em: 20 out. 2009.

BRACHT, Valter. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. Vitória: UFES/Centro de Educação Física e Desportos, 1997.

CAPRARO, André Mendes. *Identidades imaginadas: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX*. 2007. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2007. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/1884/13529/2/Tese%20Defesa%20-%20capa.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2009.

CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CRONOLOGIA. Disponível em: <<http://admin.gazetaesportiva.net/agazetaesportiva/cronologia/>>. Acesso em: 20 out. 2009.

DAMATTA, Roberto. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/5343>>. Acesso em: 27 out. 2009.

FRANZINI, Fábio. *As raízes do país do futebol: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950)*. 2000. Dissertação (Mestrado em História) – FFLCH– Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2000.

_____. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FEITOSA, Therense Santiago Alves. *Futebol, violência e a imprensa esportiva escrita na cidade de São Paulo (1999-2000)*. 2009. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História Social, PUC-SP, São Paulo, 2009.

FOLHA de São Paulo, p. 8, 4 maio 2008, Caderno D.

FOLHA de São Paulo, p. 7, 18 maio 2008, Caderno D.

FREITAS, Bruno. Com Corinthians, gestores da Série B esperam 2008 parelho com elite. *UOL Esporte*, São Paulo, 4 dez. 2007. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2007/12/04/ult59u139054.jhtm>>. Acesso em: 20 out. 2009.

GASTALDO, Edison. Copa do Mundo no Brasil: a dimensão histórica de um produto midiático. *Revista Comunicação & Sociedade*, v. 1, n. 41, p. 115-133, 2004.

GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2009.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Dos engenhos de açúcar aos campos de futebol: a crônica esportiva de José Lins do Rego. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo A. M. (Orgs). *História em cousas miúdas: capítulos de história social no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 2005.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Várzeas, operários e futebol: uma outra geografia. Várzeas, operários e futebol: uma outra geografia. *GEOgraphia*, Rio de Janeiro, v.4, n. 8, p. 84-92, 2002.

LANCE! *Diário Lance! É top 9!*, 15 jun. 2005, p. 12. Disponível em: <<http://www.citadini.com.br/imprensa/lance050615a.htm>>. Acesso em: 10 out. 2009.

LEONCINI, Marvio Pereira; SILVA, Marcia Terra da. Entendendo o futebol como um negócio: um estudo exploratório. *Revista Gestão & Produção*, São Carlos, v. 12, n.1, jan./abr. 2005.

MAZZONI, Tomás. *História do futebol no Brasil: 1894-1950*. São Paulo: Leia, 1950.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de. *A Nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40*. 1998. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História Social, PUC-SP, São Paulo, 1998.

PEREIRA, Leonardo A. M. Pereira. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. *O Brasil entra em campo!: construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)*. São Paulo: Annablume, 2008.

RODRIGUES FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

ROSENFELD, Anatol H. O futebol no Brasil. In: ROSENFELD, Anatol. H. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

www.pucsp.br/revistacordis

TOTA, Antonio Pedro. *A locomotiva no ar: rádio e modernidade em São Paulo, 1924-1934*. São Paulo: Secretaria do Estado da Cultura/PW, 1990.

TUBINO, Manoel José Gomes. *Dimensões sociais do esporte*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

* Luciano Deppa Banchetti é aluno do Programa de Estudos Pós-Graduados em História, nível Mestrado, área História Social, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Profa. Dra. Estefânia Knotz Canguçu Fraga. Membro do Grupo NEHSC e bolsista do CNPq. E-mail: <deppa04@gmail.com>.

Recebido em novembro de 2009; aprovado em junho de 2010.